

# O CREPUSCULO.

*Se a minha luz é fraca e descorada,  
Venho o dia annunciar,  
Esse dia, que a luz abençoada  
No Céu hade espalhar.*

Publica-se nos dias 3, 10, 17, e 25, de cada mez, na Typographia LIBERAL, de J. R. d'Azevedo Marques, largo da Sé n. 3, Editor GASTAL FILHO. Subscreve-se em casa do Editor, rua de S. Bento n. 35 a 27000 rs. por trimestre, e 700 rs. por mez (pagos adiantados); a folha avulsa custará 200 rs. Os annuncios pagarão uma retribuição razoavel.

## O CREPUSCULO.

### A « Aurora Paulistana » e a Camara Municipal

Lemos em um dos ultimos numeros da *Aurora Paulistana*, — *folha saquarema* — um artigo no qual se procurava censurar a medida tomada pela camara municipal a requerimento de alguns negociantes desta cidade, de feixarem-se as casas de negocios aos domingos; procuramos atenciosamente conhecer as razões que tanto haviam escandalizado ao illustrado contemporaneo, e ficamos maravilhados, quando depois de um longo e indigesto aranzel o vimos declarar-se pela medida, e confessar que afinal o povo se hade acostumar, assim pois dissemos com os nossos botões, ou o illustre contemporaneo anda com a cabeça a juro e no fim do artigo já se não lembrava do que escreveu no principio, ou então não está convencido do que disse no principio, e emittiu aquellas banalidades só pelo mero gosto de censurar a camara municipal aliás em nada censuravel neste passo, sem se lembrar talvez que essa postura tinha sido aprovada pelo vice-presidente o Sr. Dr. Hypolito.

Não pense porem a illustrissima camara que acha em nós um cégo defensor de todos os seus actos, não, pois ella tem culpas que não lhe perdoaremos, e que imparcialmente e sem o cégo e delirante furor do espirito de partido daremos a lume.

Quasi sempre nesta quadra desastrosa em

que vivomos o interesse individual sobrepuja o publico.

Um suão Demetrio que anda sempre metido em especulações e que já uma vez quiz apossar-se de uma servidão publica deste genero, pretende agora edificar sobre a ponte do Piques, e neste sentido já requereu á camara municipal. Quando em 1850 uma extraordinaria calamidade enche-se de espanto não sómente os moradores daquellas vizinhanças, mas de toda a cidade, muito se clamou contra o desleixo da auctoridade, e altas medidas se projectarão para prevenir futuros males, porem como nada de politica ha nesta questão, como nem um interesse eleitoral abi se acha envolvido, continuou o mesmo, ou antes mais criminoso desleixo. O governo da provincia, que é quasi sempre o governo dos espalhafatos e patacuadas, mandou proceder a innumeradas scientificas observações no lugar, e o resultado de todo esse trabalho, é estar hoje o leito d'aquelle ribeirão obstruido de mato, cisco, animaes mortos, e mais de quatro palmos de lodo.

Nem uma providencia pois tem havido até hoje, apesar do muito tempo que tem decorrido, e para cumulo de miseria, o prestante cidadão Demetrio quer edificar sobre a ponte, para assim impedir a corrente das agoas que descem da ladeira do Piques; deixe muito embóra a passagem que quizer, o Anhangababy nos dias de sua cólera não admittre comparação alguma com o immundo e insignificante ribeiro dos dias ordinarios: esperamos pois que a camara municipal não

*Demetrio*  
*D. Cantanhim*

1852



fará tal concessão, e se pôr falalidade a fizesse, nós o povo tomaríamos providencias demolindo a viva força qualquer edificação no lugar, pois é um direito concedido até ao particular que se sente offendido o *desforso incontinente* garantido na lei.

## POEZIA.

### ULTIMA INSTANCIA.

Onde vais, minha vida, meu anjo,  
Onde vais, que me foges assim ?  
Onde podes achar um amor  
Como aquelle que achavas em mim ?

Se tu choras, eu choro com tigo,  
Junto a ti sempre estou, se padeces ;  
Com meus beijos te volta o sorriso,  
Com meus beijos de tudo te esqueces.

Quem te pôde no mundo enxugar  
Esse pranto, mais terno do que eu ?  
Quem sorrisos mais doces terá  
Mais suave carinho que o meu ?

Não me fujas, meu anjo querido,  
Se me deixas, de ti que será ?  
Viverás neste mundo sosinho,  
Como eu te amo ninguem te amará.

Só eu sei consolar tuas penas  
Com meus beijos tão cheios de amor !  
Não me deixes que tiras-me a vida,  
Não me deixes que morres de dôr.

Não te vás, eu te peço chorando,  
Não me fujas que mal não te fiz ;  
Eu não posso sem ti ser ditosa,  
Tu não podes sem mim ser feliz.

Infeliz ! tua mãe já não vive,  
Que seu leite na infancia te deu,  
Eu serei tua mãe carinhosa,  
Eu serei tua mãe que morreu.

Onde irás, meu amante adorado,  
Que teus passos não possa seguir  
Tê que morta de dôr e fadiga  
A teus pés tu me vejas cahir

Ah ! teus olhos se inundão de pranto !  
Ah ! tu choras ! estás commovido !  
Tu não partes, és bom, és sensivel,  
Graças, graças, meu anjo querido.

Em teus braços de novo me apertas ? !  
Eu sou tua outra vez — sou feliz ? ?  
Que jámais quererás me deixar  
Teu amor, o teu pranto me diz.

A. de C.

### Verdades.

Quem tem somno quer a cama :  
Quem pergunta quer saber :  
Quem tem fome quer comer :  
Quem arde em paixões se inflama.  
Quem intorna é quem derrama :  
Quem namôros tem namôra .  
Quem padece as vezes chora :  
Quem é sceptico não crê :  
Quem não sabe pouco vê :  
Quem chorando pede implôra.

Os ventos governa Eólo .  
O mar immenso Neptuno :  
Da belleza é typo Juno :  
Dirige as musas Appóllo.  
O frio é forte no pôllo :  
Nas fructas reina pandora :  
Narciso a sombra namora :  
E' no inferno Plutão rei :  
Em Argel governa o Bei :  
Dos prados rainha é Flora.

Moça feia é ciumenta,  
Em regra muito agradavel ;  
Por isso se faz amavel ;  
Em quanto sal nem pimenta,  
Se vê na bella, que ostenta  
Vaidosas inclinações :  
Mas buseando as exceções,  
Se encontra um demo n'aquella,  
Ao passo que a moça bella  
Ganha e prende os corações.

### Contradanças.

A «primeira» é de cuidado ;  
«Segunda» do predilecto ;



Tambem bastante adorado.  
 «Terceira» d'outro objecto,  
 A «quarta e quinta,» ó peccado !  
 Só dão-se por devoção,  
 Se não para a penteação :  
 A « sexta; setima e oitava, »  
 Para aquelles que se agrava ;  
 As mais são de fintação.

## O BOLOR.

Julgava-se antigamente, e ainda hoje o commum das pessoas julga, que o bolor é uma producção informe e fortuita da podridão : entretanto esta idea é falsissima ; e a historia natural nos ensina que o bolor é uma especie de planta, como qualquer outra. Com effeito o bolor, que vemos na madeira, na roupa, nos fructos guardados &c. , entra na grande escalla dos entes organicos, e apresenta, visto ao microscopio, os caracteres mais essenciaes da natureza vegetal.

O bolor consiste em nma multidão de pequenissimas plantas, com raizes, troncos flores, e sementes. Nascem, crescem e fructificam em todas as substancias que commecam a corromper-se, ou que conservam uma certa humidade, de que ellas gostam assim como da sombra. A sua vida é curta, e, no estio, para chegarem a seu perfeito crescimento, e propagar a especie, bastam-lhes algumas horas. Ao principio são brancas como lã ou algodão, com que, pelos seus filamentos, se qarecem ; amarellecem pouco a pouco, e enegrecem por fim ; esta côr indica a sua maturidade. Umas são simples, ontras galhosas. No topo da do tronco, ou dos galhos tem uma cabecinha, ora redonda, ou oval ; ora como a metade de uma bola, á maneira dos cogumellos. Parece, até, que o bolor é uma casta d'essa planta, com a differença do tamanho, e de

ter o pé muito comprido. As cabecinhas são uma especie de casulos ou bocetas, cheias de innumeravel multidão de grãosinhos pretos, os quaes são a semente da planta. Tanto que se humedecem estes casulos, abrem-se, e deixão voar o pó fecundante. Nem se pode duvidar de que este pó seja uma verdadeira semente, visto que, se se espalha certa porção d'elle sobre um bocado de pão molhado, ou sobre uma casca de melão, estes corpos se cobrem muito mais do bolor, do que lhes succederia se não se fizesse esta especie de sementeira.

Nada, aparentemente, ha mais delicado do que o bolor, um leve toque o offende ; para elle um halito é um temporal. Quanto, pois, não é digno de admiração que os seus grãosinhos soffram o calor de um brazeiro aceso, sem perderem a faculdade de germinar, e até sem se alterarem as suas fórmulas ou dimensões ! Estas sementes minutissimas são, por isso, susceptiveis de longuissima conservação ; por ventura, de muitos seculos. Não nos devemos, portanto, admirar que estas pequenas plantas multipliquem por toda a parte tão desmesuradamente. ( *Extrahido.* )

## A MULHER.

A mulher não é fada, nem anjo, nem illusão ; é um ente bem desgraçado, que para capricho dos homens parece ter vindo só ao mundo. Oh ! e como é ella enganada ! O homem com doces expressões a embriaga nos deleites da vida ; seductoras promessas de continuo lhe pairão nos labios, sem que o coração tenha nellas parte ; e elle — o homem, torna seus dias tão amargurados, lhe envenena a vida, e ella mulher sempre enganada lhe dá amor na sua vida e na vida o coração t... Oh ! não é a mulher um anjo — que se o fôra longe estaria ao alcance das



perfidias dos homens, e o halito destes, mortifero, não a empestaria. — Não é fada por que jámais advinhou os enganos e traições desse sexo cruel. — Não é illusão, pois que o homem chega a attrahil-a, e feliz ou infeliz a recebe como um bem precioso da vida.

O coração de uma mulher não pôde ser comprehendido ! O coração da mulher que ama é todo penetração pelo objecto amado. Alma, vida, tudo procura ella dar ; penetra os mais reconditos pensamentos, sente todos os males, vive só para elle ; como se julga ella feliz, como é ditosa ? !...

E no entanto tanta dedicação, tanto amôr que enche o coração de uma mulher, como é comprehendido pelo homem ?... Elle a engana ; sempre com o sorriso nos labios fal-a soffrer até a ultima gotta do calice da amargura, e ainda em cima zomba do seu amor, menos-presas os seus carinhos, e fal-a uma miseravel escrava dos seus caprichos.

Oh ! se fosse possivel fazer comprehendêr á mulher o que é o homem, então seria o meu sexo o mais venturoso ; porque a coberto das

suas perfidias, jamais se deixaria enganar, e por sua vez levaria o desprezo a alma delles.

O homem é só verdadeiro amigo da mulher no leito da dôr, e do infortunio ; é ahi, só ahi que elle reconhece que ella foi feita para mitigar-lhe todos os seus soffrimentos, porque então elle aprecia a virtude da mulher, torna-se meigo, e carinhoso, parece mesmo amal-a ; e ella — a pobre mulher — a coitada que vive enganada, como é feliz neste momento ? Como se embriaga toda em extasis de prazeres amorosos, e com que dedicação não procura mitigar as dores del-le — distrahil-o de seus infortunios, e pezares ? Oh ! a mulher nasceu para viver sempre enganada !...

Homem ! não chames a mulher ! soffre teus males e teus pezares. A mulher pôde fazer a tua felicidade, porem tu não podes retribuir esse amor santo e sagrado do seu coração.

*Por uma Senhora.*

*(Extrahido.)*

S. PAULO. 1852.—TYP. LIBERAL DE J. R. DE A. MARQUES, LARGO DA SE' N. 3.  
(Impresso por D. da C. Pinheiro)

### Enigma pitoresco.



Decifração do ultimo enigma!

O ceo, mais a terra, mais o máx, formão o mundo.